

Saber fazer e saber ensinar

“Quem sabe faz; quem não sabe ensina.” Esse dito, atribuído a George Bernard Shaw (escritor irlandês, 1856-1950), tem sido utilizado com frequência por pessoas que se julgam espirituosas, quando se referem a professores. De tal forma isso se popularizou que ficam esquecidas algumas coisas importantes. Uma é que Bernard Shaw, homem inteligente, tinha um gosto especial em criar frases chocantes, nem sempre refletindo a realidade. Outra é que o ensino é um caminho para atingir objetivos e, com o desconhecimento dos alvos a atingir ou dos caminhos a percorrer, ninguém ensina. Lembremos Dewey (1859-1952), menos sarcástico e mais científico que Shaw, quando dizia “ensinar sem ter quem aprenda é como vender sem ter quem compre”.

Examinemos, porém, a afirmação de Shaw e seu uso abusivo e descabido com relação aos professores.

A formação do professor

Embora uma das profissões mais antigas do mundo (para alguns a segunda mais antiga), a atividade do professor reveste-se, quase sempre, de um caráter vocacional ou amadorístico, sem uma feição realmente profissional, isto é, sem um preparo específico para o ato de transmitir ou comunicar. Lamentavelmente, assim pensam e agem algumas pessoas.

A formação do professor segue uma trajetória histórica curiosa. Na Cultura Ocidental Cristã, nossa

Nelly Aleotti Maia

raiz, o professor é um continuador dos filósofos greco-romanos, porém revestido de religião. No entanto, isso não é imediato, nem repentino.

As primeiras escolas de nossa cultura (século I ao século IV) foram os catecumenatos, cuja finalidade era preparar para o batismo – a incorporação formal da nova fé. À medida, porém, que eruditos pagãos se inteiravam da doutrina e aderiam à nova fé, as escolas se enriqueciam quanto a conteúdo. Tornam-se escolas catequéticas, escolas normais, para preparar professores. Trata-se de ensino esotérico – voltado para a religião e a Igreja em formação –, de vez que a instrução é exclusiva dos religiosos. Ganha, assim, o cristianismo uma espinha dorsal filosófico-crítica, incorporando o pensamento clássico ao religioso. Formam-se os primeiros professores, o que seria continuado nos mosteiros com as escolas monacais ou monásticas. Os monges se tornam professores, por vocação ou necessidade de preparar os noviços e as crianças abandonadas em suas portas (*pueri oblati*). O nascimento do burgo e das cidades e a estruturação da Igreja dão origem às escolas catedrálcias ou episcopais, como o nome sugere, dirigidas pelo bispo. Os professores, no entanto, ainda estão vinculados ao clero. O crescimento dessas escolas e das cidades força uma laicização do ensino, levando professores e alunos a se organizarem em corporações de ofício, à semelhança de outras pro-

fissões. Surge a *Universitas Magistrorum et Scholarium* (Corporação de Mestres e Alunos) por volta do século XI, antepassada da universidade moderna. Formam-se, assim, os mestres, professores de ensino superior. Isso nos lembra que a tão falada hoje universidade corporativa pouco tem de novidade, de vez que a universidade nasce de uma associação profissional, análoga às demais agremiações profissionais.

A Renascença nos apresenta, no século XVI, duas linhas paralelas voltadas para a formação de professores: a Reforma Protestante e os jesuítas. Com efeito, os ginásios reformistas e os colégios jesuíticos reconhecem a importância de preparar professores e a essa atividade se dedicam com afinco, embora com objetivos diferentes: a Reforma com a educação para todos, e os jesuítas com a educação para as elites. Alguns educadores de grande visão, como Lutero, por exemplo, esforçam-se para envolver o Estado na formação de professores, como bem ilustra o texto a seguir: “Os governantes investem, com freqüência, vultosas somas de dinheiro na construção de estradas e muitas outras obras de utilidade pública. Por que não hão de empregá-las também na educação da juventude e na formação de bons professores?”¹ Seria supérfluo comentar a atualidade desse pensamento.

A questão do preparo dos professores cresce, e chegam os grandes educadores como Comenius que, com sua obra *Didática Magna* (1657), estabelece um marco na formação de professores. O pensamento pedagógico envereda, então, não somente pela importância, mas pela necessidade de se formar professores com Pestalozzi, Herbart e Froebel. Pestalozzi, com sua teoria dos três caminhos para aprender: a mão, o coração e o cérebro, inauguram

do o ensino intuitivo e a motivação, Herbart, com seus “passos formais”, fixando etapas para o planejamento do ensino, e Froebel, com a criação dos jardins-de-infância, evidenciando a importância da educação sistemática nos primeiros anos, antecipam a pedagogia científica e, obviamente, a necessidade do preparo do professor. O surgimento da pedagogia científica e o advento da Escola Nova encarecem sensivelmente uma formação especializada para o professor, à semelhança de outras profissões em que tal formação não é questionada.

Entretanto, já se pode notar, através da História, um fenômeno que chega até nossos dias: o divórcio entre o pensamento pedagógico e a ação, ou seja, entre teoria e prática. E, no Brasil, pode-se constatar essa distorção até hoje.

A formação do professor no Brasil

A expulsão dos jesuítas com a Reforma Pombalina acarreta um desmoronamento do ensino, de vez que a ordem tinha o “monopólio do ensino”. Considerando que a expulsão se deu em 1759 e a primeira aula régia, que deveria substituir os colégios, só se torna realidade em 1773, é fácil imaginar o vácuo pedagógico que ocorre. Excetuando-se algumas iniciativas de outras ordens como franciscanos, beneditinos e carmelitas, a educação passa às mãos de preceptores individuais (para as famílias ricas) ou de improvisadores.

Primitivo Moacyr, em sua obra *A Educação e o Império*², traz um testemunho pitoresco e trágico das escolas no século XVIII e início do XIX. Segundo documentos da época, criaram-se escolas em cô-

¹ LUTERO, Martinho. “Carta aos conselheiros de todos os estados alemães sobre o dever de fundar e manter escolas cristãs” in LARROYO, Francisco. *Historia General de la Pedagogia*, ed. Porrúa, México: 1953 p. 283 (trad. nossa).

² PRIMITIVO MOACYR. *A Educação e o Império*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, s.d.

modos de casas praticamente abandonadas, e pessoas sem qualquer habilitação ou qualificação arvoraram-se em professores. Apoiados em documentos da época, diversos autores descrevem os professores laicos como soldados que haviam sido expulsos de suas corporações por embriaguez ou por indisciplina, padres que haviam deixado a batina e outras pessoas de escassos requisitos morais. Documento curioso, conhecido como *Cartas Soteropolitanas*, transcrito por Primitivo Moacyr, descreve uma situação na cidade de Salvador, na Bahia: “Indizível é a aversão que se vota nesta cidade à corporação dos mestres, gente de nenhuma entidade, para os quais se olha com supremo desprezo e indiferença suma.”

Para nosso consolo ou maior tristeza, porém, tal condição não era exclusiva do Brasil. Vejamos uma curiosa citação de J. A. Green sobre a visita de um pastor protestante, Stouber, a uma escola na Prússia:

“Ele foi levado a uma cabana miserável, onde um certo número de crianças estava amontoadado, sem qualquer ocupação e num estado tão irrequieto e barulhento que conseguiu obter, com dificuldade, uma resposta a suas perguntas a respeito do mestre. ‘Lá está ele’, disse um deles, apontando para um velho decrepito que estava na cama, a um canto da sala. ‘Sois vós o mestre-escola, meu bom amigo?’ indagou Stouber. ‘Sim, senhor.’ ‘E o que ensinai às crianças?’ ‘Nada, senhor.’ ‘Então por que o fizeram professor?’ ‘Ora, senhor, durante muitos anos tomei conta dos porcos da aldeia e, quando fiquei muito velho e fraco para isso, mandaram-me para cá tomar conta das crianças.’”³

Um salto de qualidade, no entanto, acontece com a vinda da Corte em 1808. A questão da formação dos professores, entretanto, à exceção dos que

ensinavam nos Cursos Médicos e nos Jurídicos, na Real Academia de Marinha e na Real Academia Militar, continua improvisada. Como um comentário à parte, pode-se assinalar que, nessa época, o Brasil tem uma novidade acadêmica, a cátedra de Economia Política, pela qual era responsável o Visconde de Cayru. É a segunda no mundo, sendo a primeira na Academia de Ciências de Upsala, Suécia.

Voltando ao preparo profissional de professores, em 1835, o Brasil tem a primeira Escola Normal pública da América – a Escola Normal de Niterói.⁴

Já por esse dado, começa-se a notar um fato curioso. Ao mesmo tempo em que se reconhece o fato de que o professor de nível elementar, para crianças, deve ser preparado a ponto de se ter uma iniciativa pioneira, a questão do professor de nível médio e superior fica relegada a plano inferior, partindo da premissa de que basta dominar o conteúdo, saber a matéria, para ensinar. Passam, então, a ser professores secundários (denominação da época) e superiores profissionais das mais diversas áreas. Advogados, químicos, engenheiros, padres que haviam deixado a batina, senhoras cultas, por vocação ou por necessidade, tornavam-se professores. Alguns, até, possuíam aptidões e habilidade para ensinar e se tornavam bons professores.

O reconhecimento da necessidade de serem os professores preparados profissionalmente só chega ao Brasil com a divulgação das idéias da Escola Nova, através de Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Lourenço Filho, José Veríssimo, Raul Bittencourt entre outros. Marco importante, também, na ideologia do professor profissional é a fundação, em 1924, da Associação Brasileira de Educação (ABE). Essa

³ GREEN, J. A. *Life and Work of Pestalozzi*. Londres: University Tutorial Press Ltd. s.d. p.16 (trad. nossa).

⁴ A maioria dos autores de História da Educação, principalmente estrangeiros, ignora esse fato e apresenta como primeira a Escola Normal de Massachussets, fundada pelo grande educador norte-americano Horace Mann. Essa escola, porém, data de 1842.

nova ótica sob a qual se enfoca o professor culmina na fundação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1939. Note-se que mais de um século decorre entre a materialização da formação do professor elementar e a do médio e superior.

Hoje, no Brasil, as faculdades de Educação se encarregam da formação do professor de ensino médio e superior.

Vejam os como se enfoca, hoje, a formação do professor independentemente de realidades nacionais.

A formação do professor em nossos dias em diversas realidades sociais e culturais

Hoje, parte-se de uma premissa de verdade inquestionável: informação e comunicação constituem categorias diversas. Em outras palavras: o domínio da informação não acarreta, automaticamente, o domínio da comunicação. Portanto, saber o conteúdo não garante saber ensinar esse mesmo conteúdo. E, por sua vez, o ensinar é inexistente sem um conteúdo para operacionalizá-lo, ou seja, é impossível a quem não domine o conteúdo de uma disciplina ensiná-la. Um exemplo simples e até ingênuo, porém bastante ilustrativo, é o do mágico que tira coelhos da cartola. Ele o faz, porque há coelhos na cartola. Por maior que seja sua habilidade em fazer o público não perceber seus artifícios, ele não fará aparecer coelhos se estes não estiverem na cartola.

Trouxemos esse exemplo porque, por volta da década de 1950, surgiu, em algumas áreas, um “modismo” de que a Didática, ou Técnica de Ensino, suplantaria ou mesmo supriria o conteúdo das diversas disciplinas. Vista sob esse ângulo, a formação do professor passou a receber importância menor quanto a conhecimento informativo. Frases como “o professor não precisa ser um cientista ou um literato, basta sa-

ber o que vai passar ao aluno” eram, com frequência, ouvidas. Ora, quem conhece educação (teoria e práxis) sabe que ensinar implica fixar objetivos, selecionar conteúdos, ordená-los lógica e psicologicamente, processá-los na prática e avaliar a extensão e a profundidade de seu domínio pelo aluno. Essas funções não poderão ser desempenhadas sem o total domínio do conhecimento informativo. Portanto, o professor não precisa ser, necessariamente, um “cientista”, mas deve dominar a matéria tanto quanto um cientista, exce- tuando-se a atividade específica de uma pesquisa individual. Além do mais, é dever do professor desenvolver, no aluno, o espírito investigativo, o gosto pela busca da verdade, atitudes científicas e filosóficas.

Alguns iconoclastas da escola, como Ivan Illich, por exemplo, propõem a eliminação da instituição e sua substituição pela observação direta de um bom profissional na prática. É impossível conceber alguém se tornar um neurocirurgião possuindo destreza manual e usando apenas a observação.

Outro mito, que se poderia chamar poético ou lírico, é o de que professor é vocação. Ora, isso vale para toda e qualquer profissão. Sem a vocação, o gosto, a inclinação afetiva, não se faz um bom profissional; tais requisitos, no entanto, não serão suficientes, como não basta ter uma grande extensão de cordas vocais para que alguém se torne um cantor lírico ou ser inteligente para ser um cientista. O domínio de técnicas de comunicação didática, se bem que não possa suprir o conteúdo, é imprescindível para torná-lo um professor. A determinação de objetivos, a seleção de conteúdos, a adequação fins e meios (método) só se tornam possíveis a quem domina a matéria e, é claro, sabe como transmiti-la. A vocação, as aptidões individuais serão condições necessárias, mas não suficientes. Será indispensável o preparo técnico.

Voltemos à expressão de Bernard Shaw. Será possível, para alguém que não sabe, ensinar? Poderá

um pianista medíocre, que desconhece teoria musical e técnica pianística, fazer de alguém um virtuose? Ou um ignorante em Física formar um físico?

Um olhar à História, essa grande “mestra da vida”, segundo Napoleão, nos mostra os primórdios da educação profissional na Idade Média.

O aprendiz (geralmente um menino, levado por seus pais) procurava um mestre, alguém, cujo renome profissional atestasse sua competência. Em sua companhia permanecia anos, desempenhando tarefas humildes e básicas, evoluindo na medida em que demonstrasse sua proficiência. Chegaria um momento em que dominaria todas as etapas da produção. Se fosse aprendiz de um marceneiro, por exemplo, atingiria um estágio em que, da escolha da madeira ao entalhe e à fórmula da laca para finalizar um móvel, sua capacidade seria efetiva. Portanto, sabia fazer. Demonstrava sua competência perante a corporação de ofício, com a apresentação de um trabalho exclusivamente seu⁵ e teria direito, se aprovado, ao título de mestre. Assim, poderia ensinar.

Como se depreende, já na Idade Média, a expressão de Shaw não teria validade. Para ensinar seria preciso, antes de tudo, saber fazer.

Sem admitir, portanto, a validade da expressão, deve-se reconhecer que, geralmente, há uma defasagem temporal entre professor e aluno, o que, freqüentemente, faz com que o professor, em determinados comportamentos, não tenha a mesma energia do aluno. Nas aprendizagens que envolvem motricidade, isso é bem evidente. Além desse fato, o

professor almeja, quase sempre, que seu aluno o suplante, pois volta seu olhar para o futuro. É possível, então, que o mestre já não possua a mesma agilidade do discípulo, o que não significa, em absoluto, que ele não saiba como fazer.

Nesse sentido, a formação do professor, hoje, no Brasil e em outros países, nas faculdades de Educação, volta-se para a Filosofia da Educação, as Ciências e Técnicas Pedagógicas. Os conteúdos específicos são dados em seus cursos, nas escolas, nas faculdades e nos institutos (Matemática, Física, Música, Letras etc). Esse modelo, com pequenas variações, é adotado universalmente. No curso das matérias pedagógicas, o currículo visa à habilitação para ensinar.

Nas últimas décadas, têm surgido projetos inovadores que partem dos comportamentos finais, admitindo que a atividade do professor é diversificada, principalmente pelo advento de novas formas de tecnologia do ensino. Exemplo: os projetos TBD (Treinamento Baseado no Desempenho), Ensino a Distância e outros. Todos, porém, são acordes em um ponto: o conhecimento do conteúdo é fundamental. Conhecer e saber ensinar são ações cuja complementaridade é indispensável se se deseja formar um professor. Só quem sabe como se faz pode ensinar.

Por que, então, a afirmação de Shaw ainda é usada? Talvez porque quem nada sabe e não sabe o que é ensinar, goste de repetir frases sem examinar seu conteúdo.

⁵ Esse trabalho era chamado, em latim, *opera prima* (primeiro trabalho). Por seu empenho em obter a aprovação, o candidato se esmerava em sua confecção, o que deu à expressão *obra-prima* a conotação atual.